

# CRIME E CASTIGO



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 2

## A mosca na garrafa

**Branca Vianna:** Antes de começar, eu queria dar um aviso aqui pros ouvintes. Essa série fala de violência e de violência sexual. Então fica o alerta pra quem é sensível a esses temas. E eu recomendo, claro, que você não escute acompanhado de crianças.

**Paula Scarpin:** Gente, estão fechando a rua. Será que ele não vai conseguir?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não, mas a gente vai ali.

**Branca Vianna:** Essas vozes são da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, diretoras aqui da Rádio Novelo, que tão fazendo esse podcast comigo. Eu, no caso, sou a Branca Vianna. E este é o episódio 2 do *Crime e Castigo* – então se você não ouviu o primeiro, é bom voltar lá.

A Paulinha e a Flora tavam no BioParque, que é o zoológico do Rio de Janeiro, que fica no bairro de São Cristóvão – mais especificamente na Quinta da Boa Vista. E não faltam histórias daquele pedaço da cidade.

Esse parque já foi fazenda de jesuíta, casa de traficante de escravo – depois abrigou a família real portuguesa fugida do Napoleão em 1808, e ficou de herança pros imperadores do Brasil, dom Pedro I e dom Pedro II...

Hoje a Quinta abriga tanto a mansão – transformada em Museu Nacional – aquele que pegou fogo em 2018 –, quanto o zoológico.

Em 2016, o zoológico chegou a ser interditado pelo Ibama por falta de condições pros animais. As jaulas eram pequenas demais, tinha bicho machucado, e as instalações como um todo tavam bem precárias.

Desde então, o espaço passou por uma reforma e foi reaberto em 2021 com o nome de BioParque.

**Paula Scarpin:** Como ele é?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Acho que ele nos viu.

**Branca Vianna:** E foi lá, no começo de julho de 2021, que a Paulinha e a Flora combinaram de se encontrar com o João Luiz Francisco da Silva.

**João Luiz Francisco da Silva:** Tudo bem com vocês?

**Paula Scarpin:** Tudo, e com você?

**Branca Vianna:** E elas tinham uma boa razão para marcar ali.

**Paula Scarpin:** É a primeira vez que a gente vem aqui.

**João Luiz Francisco da Silva:** Ah é?

**Paula Scarpin:** É.

**Branca Vianna:** Mesmo depois da reforma, com mais espaço pra cada animal e com menos grades que antes, o zoológico ainda causa mal estar no João Luiz.

**João Luiz Francisco da Silva:** Nunca tive uma boa relação com esse espaço. Ah, tem gente que está achando isso lindo. Um viveiro gigante. E assim, esse som que as aves fazem dentro desse viveiro gigante, para mim é só um som de incômodo que elas estão sentindo. Para mim é um lugar muito... cheio de nuances, assim, traumáticas, sabe?

**Paula Scarpin:** Conta como é que foi quando você veio aqui com o seu filho na semana passada.

**João Luiz Francisco da Silva:** Assim, lógico que eu tentava não deixar transparecer isso porque eu estava com meu filho e meu sobrinho, mas me deixou muito impressionado como o público, a sociedade em si ela tem uma fixação por enjaular, seja animal ou seja gente.

**Paula Scarpin:** Seu filho sabe?

**Branca Vianna:** Sabe, no caso, que ele já esteve preso.

**João Luiz Francisco da Silva:** Não, meu filho ainda não tem nem entendimento para isso.

**Paula Scarpin:** Quantos anos ele tem?

**João Luiz Francisco da Silva:** Tem 5 anos.

**Paula Scarpin:** Ah, é muito pequenininho ainda.

**João Luiz Francisco da Silva:** É, não sabe. Ele não sabe. Porque é um lugar também de muita dor. É um lugar de muita... É um lugar de muita tristeza e causa um trauma muito intenso.

**Branca Vianna:** Apesar do trauma, o João Luiz se dispôs a contar pra gente sobre a experiência dele na prisão.

A pena baseada na reclusão é parte tão fundamental do sistema judicial brasileiro – e também na maior parte dos países do mundo – que, muitas vezes, quando se pede por justiça, o complemento quase natural é pedir que alguém vá "pra trás das grades".

"Prisão" virou quase sinônimo de "justiça".

No episódio passado, a gente contou a história do latrocínio do Alex Schomaker Bastos – e de como, nesse caso, a justiça seguiu o script direitinho, e os assassinos foram presos...

Mas, mesmo com os assassinos em Bangu, não dá pra dizer que a mãe e a irmã do Alex ficaram satisfeitas. Porque nenhuma delas tem a ilusão de que aquela prisão vai reabilitar ninguém.

Encarceramento é justiça? Até que ponto? Qual o preço que um criminoso precisa pagar para ficar "quite" com a sociedade?

*Crime e Castigo*, um podcast original da Rádio Novelo. Episódio 2. A mosca na garrafa.

**Repórter:** O Fantástico de hoje começa com uma cena que parece saída de um roteiro de novela.

**Branca Vianna:** Esse áudio é de uma reportagem exibida pelo Fantástico, da Rede Globo, no dia 13 de Junho de 2010.

Na tela, o que a gente vê é uma montagem dinâmica, dessas de filme de ação.

**Noiva:** *Que isso? Vocês tão invadindo a nossa festa?*

**Branca Vianna:** Uma festa de casamento num sítio, viaturas aceleradas na estrada, policiais correndo armados e pulando um muro.

**Criança:** *Caraca, mãe!*

**Branca Vianna:** Oito pessoas no casamento foram presas. O João Luiz foi uma delas.

**João Luiz Francisco da Silva:** Meu primo estava casando. Esse meu primo e a esposa dele com os quais nós trabalhávamos, resolveram se casar. E já estavam no processo de investigação quando a gente começou a organizar o casamento e eles simplesmente permitiram. Simplesmente permitiram pra conseguirem fazer o que fizeram. Depois que o juiz de paz decretou que eles estavam casados para sempre, a polícia entrou, e junto com a polícia, a rede Globo de televisão.

**Branca Vianna:** Além da entrevista no zoológico, a gente fez uma outra entrevista com João Luiz – num estúdio. E nessa, eu tava também.

**Branca Vianna:** Os membros da família que estavam nessa festa sabiam o que vocês tinham feito, ou entenderam, não entenderam? Qual foi a reação das outras pessoas, os convidados?

**João Luiz Francisco da Silva:** Ah, as pessoas ficaram perplexas, sem saber como agir, e a maior parte dos nossos familiares não sabiam de tudo o que a gente estava fazendo.

**Branca Vianna:** A maior parte dos convidados não tinha ideia de como aquela festa tinha sido financiada. Quer dizer: não sabiam que o dinheiro tinha vindo dos crimes que João Luiz, os noivos, e alguns amigos deles andavam cometendo.

**João Luiz Francisco da Silva:** Nós sequestrávamos dados dos titulares de cartões de crédito...

**Paula Scarpin:** Como?

**João Luiz Francisco da Silva:** Através de acesso a um sistema bancário.

**Paula Scarpin:** Ah, como se fossem – vocês eram hackers, assim?

**João Luiz Francisco da Silva:** É, não acho que chegava a nível de hacker, acho que o hacker está num nível, está num outro patamar, como dizem por aí.

**Paula Scarpin:** O que? De saber – entendem mais de informática?

**João Luiz Francisco da Silva:** É... Mas a gente acessava através de senhas que nos eram passadas via mercado negro da internet. Nós acessávamos os sites que - que estão... de posse dos dados dessas pessoas, dados muito particulares, sequestrávamos esses dados e nos passávamos pelas pessoas, donas desses dados, e conseguíamos novos cartões, segundas vias de cartões...

**Paula Scarpin:** Isso é clonagem de cartão?

**João Luiz Francisco da Silva:** Não, não. Isso é fraude. Clonagem é uma outra coisa. E o que nós fazíamos era nos passar pelos titulares, basicamente.

**Paula Scarpin:** Entendi, você tendo todos os dados de uma pessoa, pode se fazer passar por ela e pedir mais cartão.

**João Luiz Francisco da Silva:** Trocou uma foto... não tem--  
Exatamente. Não tem um...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aí você liga para o banco, pede uma segunda via?

**João Luiz Francisco da Silva:** Uma segunda via, um cartão adicional.

**Paula Scarpin:** E aí pede para entregar no seu endereço?

**João Luiz Francisco da Silva:** Não, porque era de alguma forma dar a informação que eles precisavam para saber onde nós estávamos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Paulinha não tem muito jeito para isso.

**Paula Scarpin:** É, eu com certeza seria pega na primeira.

**João Luiz Francisco da Silva:** É, a gente... como toda correspondência, ela tem um código de identificação, nós monitorávamos todo o trajeto da correspondência. E quando ela chegava no centro de distribuição domiciliar, que cada conjunto de bairros tem o seu, nós íamos até a agência para retirar antes que ela fosse enviada para a casa do cliente.

**Paula Scarpin:** Dava para você chegar no correio e falar: olha, vim buscar minha correspondência...

**João Luiz Francisco da Silva:** É. Você chegar, dizer: olha, estou com um problema no meu condomínio, ou me mudei do endereço tal, estou aqui para saber se tem alguma correspondência porque para mim aqui é mais fácil de vir. Ou o porteiro lá não está entregando, enfim. É área de risco... Enfim, você consegue com uma desculpa qualquer. Por isso que é estelionatário, né? É um-sete-um. Você tem uma boa lábia.

**Paula Scarpin:** E vocês fizeram isso com muitas pessoas? Assim, por que esse crime ficou tão famoso? Vocês tinham...

**João Luiz Francisco da Silva:** Não sei...

**Paula Scarpin:** Vocês tinham um esquema muito grande?

**João Luiz Francisco da Silva:** Eu acho que o valor era relativamente alto para crime, né?

**Paula Scarpin:** Quanto?

**João Luiz Francisco da Silva:** Para crime que um pobre praticasse contra uma instituição financeira, era alto.

**Paula Scarpin:** Quanto que vocês chegaram a fazer?

**João Luiz Francisco da Silva:** Ah, eles estimaram, a gente nunca vai saber ao certo. Eles estimaram que o crime gerou um prejuízo em torno de três milhões, quatro milhões, alguma coisa assim.

**Branca Vianna:** Na verdade, a Polícia Civil chegou a falar em 5 milhões de reais.

**João Luiz Francisco da Silva:** E esse crime, ele foi altamente repercutido, né, pela mídia. Fez com que eles... orquestrassem uma operação midiática também, né, para explorar aquelas imagens. Porque eles poderiam pegar todos nós em casa, tranquilamente.

**Paula Scarpin:** Você acha que foi pela espetacularização?

**João Luiz Francisco da Silva:** Sem dúvida alguma. Foi pela repercussão que deu, e para, de certa forma, satisfação para uma sociedade que é policialesca, que é altamente punitivista, que é encarceradora. Está tendo um exemplo aqui. A gente-- A gente ensina para as crianças que prender é legal. Assim, na verdade, eu-- eu não

sei se eu mentia para mim mesmo ou se eu de fato pensava aquilo. Eu não achava que a gente estava fazendo algo tão grave. E até hoje, de verdade, eu acho que não era tão grave.

**Paula Scarpin:** É. Então, várias vezes eu escuto falar de estelionato como sendo um crime sem vítima, né?

**João Luiz Francisco da Silva:** Sim, eles chamam de crime com baixo potencial ofensivo.

**Paula Scarpin:** Mas, enfim, tem algumas histórias que a gente ouve de gente que teve a vida estragada por um crime de estelionato, porque juntou dinheiro muito tempo para conseguir fazer alguma coisa e acabou, enfim, perdendo esse dinheiro...

**João Luiz Francisco da Silva:** Sim, sim. Claro.

**Paula Scarpin:** E depois às vezes o banco não reembolsa.

**João Luiz Francisco da Silva:** Sim.

**Paula Scarpin:** Você pensa nessas pessoas que possivelmente foram prejudicadas?

**João Luiz Francisco da Silva:** Não, na época não. Na época não pensava. O que eu pensava, e aí eu costumo pensar até hoje em alguns momentos, era que o crime era contra uma instituição financeira que se beneficia desse sistema lucrador e que rouba das pessoas o tempo todo. Então, resumidamente, grosseiramente falando, a gente se colocava no lugar de ladrão que rouba ladrão. É isso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A gente vinha lendo tanto sobre justiça restaurativa – sobre a vítima conhecer o lado do ofensor, e o ofensor conhecer o lado da vítima, que a Paulinha até tentou arrancar ali do João Luiz uma reflexão sobre os possíveis prejudicados pelo crime dele... Mas, na verdade, parece que a experiência dele na prisão só reafirmou a sensação dele de injustiça.

**Paula Scarpin:** É, e ele trabalha com isso, né? Desde que ele saiu da prisão, ele tá terminando a faculdade de direito, e ele é o fundador de uma ONG – chamada "Eu sou eu", sobre reinserção de ex-detentos na sociedade. Foi até assim que a gente chegou nele. Quer dizer, ele pensa e fala sobre essa experiência dele o tempo todo.

**Branca Vianna:** É, na conversa que a gente teve no estúdio com ele, ele falou muito dessa ideia, de que o estelionato é um crime "sem vítima" – quer dizer, é uma vítima "sem rosto", né, que a vítima seria na verdade o sistema financeiro, que os bancos seriam os únicos prejudicados. E ele acha que justamente por isso – por que os prejudicados seriam os bancos, que são muito poderosos – que então ele foi julgado de uma maneira mais severa do que deveria ter sido. E aí a gente chegou numa parte da conversa que eu acho que é o centro do que a gente tá discutindo aqui hoje, que é a prisão.

**João Luiz Francisco da Silva:** Qualquer prisão, hoje, ela é ilegal. Porque a Constituição, ela prevê formas dessa pessoa estar presa, né.

**Branca Vianna:** Pode parecer óbvio repetir isso, mas, sim, a Constituição do Brasil assegura ao preso o respeito à integridade física e moral dele.

**João Luiz Francisco da Silva:** Mas quando você chega naquele lugar, colocando o pé ali dentro, é que você tem aquele susto que só quem passa por ali pode ter.

**Branca Vianna:** Na verdade, acho que todo mundo tá cansado de saber que as condições nos presídios brasileiros são péssimas.

A gente pegou só uma frase ou outra da Lei de Execução Penal pra contrapor ao que João Luiz descreveu da experiência dele.

Por exemplo, diz a lei que tem que ter “salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores de aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana”...

**João Luiz Francisco da Silva:** Em celas que mal cabiam 30 pessoas, nós tivemos 100. Nós tivemos situações em que nós tínhamos verdadeiros tapetes humanos. Você não tinha onde pisar ao chão. E isso tudo com temperaturas altíssimas, né? Uma organização internacional que esteve numa das unidades onde eu estava que levou um termômetro pra dentro dessa unidade, e naquela ocasião o termômetro marcava 56 graus Celsius.

**Branca Vianna:** A mesma lei diz ainda que os presos têm direito a “alimentação suficiente.”

**Paula Scarpin:** A alimentação vinha na cela ou vocês tinham refeitório?

**João Luiz Francisco da Silva:** Não, as refeições são feitas na cela.

O cardápio é diversificado, mas vem sempre estragado.

**Paula Scarpin:** Cara, vou estar mentindo se eu disser que o que o João Luiz tá contando é novidade pra mim... a gente tá cansada de ver notícia sobre presídio superlotado, sobre as condições insalubres, mas é muito desconcertante ver que o Estado não tá só privando as pessoas de liberdade, mas tá submetendo essas pessoas a uma espécie de tortura.

**Flora Thomson-DeVeaux:** É, a gente volta à pergunta lá do primeiro episódio, que é: é justiça ou é vingança? Porque "reparação" definitivamente não é... não tem nada que essa tortura traga de benefício pra vítima.

**Branca Vianna:** É, não tem. Mas mesmo se a gente tirar essas condições insalubres da equação... se a gente considerar "só", entre aspas, a privação de liberdade. Por que que é essa a maneira de um ofensor – um ladrão, um assassino, um estelionatário, seja lá o que for – por que que essa é a maneira dele quitar a dívida dele com a sociedade?

**Rafael Mafei:** E talvez na sua melhor concepção, a ideia reformista iluminista da prisão objetivasse isso...

**Branca Vianna:** Aqui, de novo o Rafael Mafei, que já apareceu no primeiro episódio de *Crime e Castigo*. Ele é professor de direito na São Francisco, da USP.

**Rafael Mafei:** ...então as pessoas vão ser guardadas em locais onde elas vão receber apoio religioso, estudo, trabalho, e vão ser transformadas de pessoas sem possibilidade de integração produtiva na sociedade em pessoas que vão aprender um ofício, aprender disciplina, recuperar os princípios morais que perderam, e serem reintegradas de maneira pacífica na sociedade.

**Branca Vianna:** A primeira penitenciária moderna, no modelo que a gente conhece hoje – com celas individuais pros presos ficarem isolados uns dos outros – foi aberta em 1829, nos Estados Unidos. A ideia por trás disso tá ali no nome, “penitenciária”.

Era pra ser quase uma espécie de mosteiro, onde as pessoas pudessem ficar quietinhas, pagando penitência, com toda a estrutura pra pensar bem no que fizeram. E pra se arrepender.

E mesmo naquela época, tinha crítico dizendo que isso não passava de uma forma mais sofisticada de tortura.

**Rafael Mafei:** É... hoje isso soa pra gente quase cínico né, alguém que diga pra nós, “olha, vou mandar você pra prisão por quinze anos porque afinal das contas lá você vai ter trabalho, vai ter disciplina, vai ter amparo religioso, moral, saúde, assim por diante” – prisão é lugar onde as pessoas são expostas a sarna, doenças, e são cooptadas pelo crime organizado hoje. E o debate que hoje existe é sobre a gente tentar identificar, tudo bem, né, tirando esse discurso que serviu pra que a prisão se consolidasse duzentos, trezentos anos atrás como uma proposta reformista, que em tese melhoraria a situação das coisas, qual é então na verdade o objetivo que a prisão hoje cumpre, né? Porque a gente continua mandando as pessoas pra prisão? Romper com essa lógica é algo muito difícil, porque é... essa lógica responde no fundo a uma concepção moral muito básica que todos nós temos. Uma pessoa que causou um enorme sofrimento à outra talvez faça por merecer um enorme sofrimento ela própria né. Mas isso, qual o benefício que isso gera? Seja pra vítima, seja pra comunidade onde o crime aconteceu, seja pra todas as outras pessoas indiretamente impactadas por aquilo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Acho que talvez fosse bom a gente parar e pensar um pouquinho sobre o por quê de o Estado estar cometendo essas violências, né?

**Paula Scarpin:** Aham.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tem uma teoria mais antiga que é a mais intuitiva. Essa é a retributiva – ou seja, alguém fez merda e precisa ter alguma resposta pra isso. Assim, mesmo que não sirva pra nada. Isso explica porque antigamente as pessoas castigavam animais por crimes, castigavam objetos inanimados, até, quando eles causavam a morte de alguém.

**Paula Scarpin:** Como assim?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não, cai uma pedra na cabeça de alguém...

**Branca Vianna:** Cê vai castigar a pedra?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Você castiga a pedra, você, enfim...

**Paula Scarpin:** Faz o quê com a pedra? Dinamita a pedra?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Cara, eles tipo...

**Branca Vianna:** Prende?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eles confiscavam. Era uma coisa séria, enfim.

**Branca Vianna:** Uau.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mas hoje em dia a gente não funciona assim, né? O governo, o Estado, o poder superior que seja, aplica essas medidas, esses castigos, essas violências, enfim pra evitar que as pessoas cometam crimes. Essa é a teoria de prevenção, não de retribuição. Ela se aplica no geral – tipo, eu sei que vou ser castigada se cometer um crime, então eu não vou cometer crime nenhum – e também funciona no particular, no nível do indivíduo. Isso entra em ação quando a pessoa já fez merda. Aí você age em três sentidos: você prende a pessoa pra que ela não cause mais dano, você prende para que sirva de exemplo pros outros não fazerem a mesma coisa, e você também prende a pessoa para que ela aprenda a não repetir o que fez. É toda aquela ideia da penitenciária. Fez sentido?

**Branca Vianna:** Deu pra entender.

**Paula Scarpin:** Deu.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só que aí eu li um texto que meio que nunca mais saiu da minha cabeça. É cheio de academicês, mas quando você tira tudo isso, parece meio pensamento de maconheiro, e é o seguinte: a gente é uma mosca presa na garrafa.

**Branca Vianna:** Anh? Explica isso aí.

**Flora Thomson-DeVeaux:** No caso, a mosca é a gente, e a garrafa é o que esse acadêmico, Álvaro Pires, chama de a “indissociabilidade do ‘crime’ da pena.”

**Paula Scarpin:** Nossa [ri]

**Flora Thomson-DeVeaux:** Calma, vou ler aqui, só mais um pouquinho: *“quando na verdade é possível conceber a norma de comportamento (por exemplo: ‘não matar’) como a única realmente imprescindível.”* Ou seja: a gente basicamente quer que as pessoas não matem, né? Que não causem danos.

**Paula Scarpin:** Sim.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Mas pra isso não precisa necessariamente do castigo. Ainda mais se aquele castigo não funciona. E a gente sabe que não funciona. Mas todas as categorias que falei – as medidas

gerais, individuais, a retribuição – passam pela prisão... ou no mínimo a ideia de castigo. O punitivismo tá sempre aí, mesmo em muitas, entre aspas, “penas alternativas”.

**Branca Vianna:** Bom, até confiscar pedra, né.

**Paula Scarpin:** Entendi. Então a gente fica zanzando, zanzando, e não consegue sair dessa “garrafa.” E essa ideia de garrafa é porque a gente nem enxerga a garrafa, acha que tá fugindo, né, o vidro é transparente, mas a gente não sai dessa jaula de vidro.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E por falar em mosca, bicho, tem esse caso que eu esbarrei na pesquisa pra esse podcast. Teve uma urso que tinha sido de um circo, ela tava mantida numa jaula num camping...

**Paula Scarpin:** Camping?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu acho que era uma coisa, tipo, você tá na floresta, mas tem esse urso...

**Paula Scarpin:** Numa jaula?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Sei lá, gente.

**Branca Vianna:** É uma atração, ela era uma atração do camping.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu acho que sim. Mas enfim, era uma ideia péssima e ela acabou atacando duas pessoas, e elas ficaram bem feridas. Isso no Cazaquistão... e aí as autoridades cazaques decidiram transferir ela pra uma prisão.

**Branca Vianna:** De gente, prisão de gente?

**Flora Thomson-DeVeaux:** É – uma prisão masculina, até. Enfim, é aquela coisa – teve um dano, as pessoas ficaram machucadas, aí tem que reagir de algum jeito. Não faz sentido torturar ou matar a urso, porque, né, a gente tá no século XXI e sabe que ela não fez por mal, e ela nem sabe o que fez. Mas tem que proteger a sociedade. E o engraçado é que ela foi parar dentro de uma instituição que foi feita pras pessoas pensarem no que elas fizeram.

**Branca Vianna:** A urso vai parar e pensar, né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E a Kátia – essa era o nome da urso – evidentemente não ia refletir. Pra ela era mais uma jaula. Mas, enfim, ironicamente, parece que a presença dela fez bem pros caras que

tavam presos ali na penitenciária.

**Paula Scarpin:** Tipo aqueles animais de terapia.

**Flora Thomson-DeVeaux:** É, pode ter ajudado na reabilitação. E depois que ela foi embora, eles fizeram até uma estátua dela.

**Paula Scarpin:** E pra onde a Katia foi, quando ela saiu da prisão?

**Flora Thomson-DeVeaux:** A última notícia que eu encontrei dela era de 2019, e aí foi quando ela foi transferida prum zoológico.

**Branca Vianna:** Tadinha.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E ela já tinha ficado 15 anos presa.

**Paula Scarpin:** 15 anos! Quer dizer, ela saiu de uma prisão pra ir pra outra prisão – de outra espécie... – pra voltar pra outra prisão!

**Branca Vianna:** E não foi reabilitada, porque a rigor ela ficou 15 anos pensando no que ela fez, ela deveria ter sido solta na floresta. Voltada pra sociedade dela.

**Paula Scarpin:** Posso fazer uma pergunta para vocês? A gente está gravando um podcast aqui. Vocês sabem o que é aquele prédio ali atrás?

**Mulher:** Não faço ideia também. Mas acho que não faz parte daqui, não.

**Homem:** Não, não sei não. É o quê?

**Paula Scarpin:** É um presídio.

**Mulher:** Mentira! Eu não sabia. Tá abandonado há quanto tempo?

**Paula Scarpin:** Não está abandonado não, está...

**Mulher:** É um presídio ainda?

**Paula Scarpin:** É um presídio que funciona ainda.

**Mulher:** Mentira! Gente, eu não sabia. Tô chocada.

**Branca Vianna:** No mesmo terreno da Quinta da Boa Vista – além do Museu Nacional e do zoológico – fica também o "Galpão da Quinta". O prédio foi construído originalmente

pra ser uma oficina mecânica do Exército, mas acabou virando um "depósito de presos" – e era esse o nome mesmo, "depósito de presos". Em 1967, virou oficialmente uma prisão, e desde então tem o nome de Presídio Evaristo de Moraes.

Foi nesse galpão que o João Luiz passou parte da pena dele.

**João Luiz Francisco da Silva:** E dentro desse galpão estão-- nós temos duas galerias. São dez celas de um lado e dez celas de outro lado. E ali habitam em torno de 3 mil presos. Exatamente atrás do espaço onde fica o elefante.

**Branca Vianna:** Só pra não deixar passar: o nome desse presídio atrás do elefante – Evaristo de Moraes – deve soar familiar pros ouvintes do *Praia dos Ossos*. O presídio ganhou esse nome em homenagem ao pai do Evaristo de Moraes Filho, o advogado da família da Ângela Diniz.

Aliás, uma das grandes mágoas do Evaristo Filho foi nunca ter conseguido tirar o nome do pai do presídio. Ele dizia que não tinha forma pior de se homenagear um advogado criminalista. Ainda mais uma prisão que já foi notificada pela Corte Interamericana de Direitos Humanos.

**João Luiz Francisco da Silva:** Já foi pedido inclusive a interdição total e a extinção deste espaço...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Na verdade, as denúncias sobre as condições no presídio da Quinta da Boa Vista vêm de antes até de ele homenagear o Evaristo pai. Eu encontrei duas notícias de janeiro de 64: uma do Jornal Última Hora, que chama a prisão de "campo de concentração da Quinta da Boa Vista" e "Inferno da Quinta". E tem outra aqui do Diário Carioca, que diz: "Enjaulados como bichos perigosos, 812 homens amontoam-se sobre o chão de cimento, atrás de grades de arame, sem as menores condições de higiene". Bichos perigosos.

**João Luiz Francisco da Silva:** Por várias vezes eu fui acordado pelo elefante. Um companheiro conseguiu fugir... Seria engraçado, né, se não fosse trágico? Conseguiu fugir e caiu na cela do leão, caiu na jaula. Olha só, já estou confundindo os lugares. Caiu na jaula do leão, mas pra piorar a piada, nem o leão quis comer, ele foi embora.

**Branca Vianna:** Ele conseguiu fugir?

**João Luiz Francisco da Silva:** Conseguiu fugir.

**Branca Vianna:** Ele caiu na jaula do leão e, de lá, ele fugiu. Não é que apareceu alguém e mandou ele de volta pra prisão.

**João Luiz Francisco da Silva:** Ele conseguiu fugir.

**Branca Vianna:** Uau, nossa.

**João Luiz Francisco da Silva:** Conseguiu fugir. Eu virei fã.

**Branca Vianna:** Essa história era boa demais pra ser verdade. Então a gente foi checar.

**Apresentador:** *Um preso consegue escapar da cadeia, minha gente. O Rael Policarpo no Rio de Janeiro traz as informações... no meio da fuga ele caiu... na jaula de um elefante? Como é que isso é possível?*

**Branca Vianna:** Não foi leão, foi elefante. O mesmo elefante que acordava o João Luiz. E o detento acabou sendo recapturado.

Mas fato é que, mesmo pra quem cumpre a pena direitinho, a reinserção na sociedade não é nada fácil.

O João Luiz contou um episódio de quando ele passou pro regime semi-aberto. Nessa época, ele saía pra procurar emprego de manhã, e voltava pra dormir na prisão.

Um dia, ele tava numa entrevista de emprego e se deu conta de que tinha perdido a carteira de motorista. Pra essa vaga que ele tava tentando, era desejável que ele pudesse dirigir. Ele então, decidiu ir a uma delegacia pra fazer um B.O. e poder pedir uma segunda via da carteira.

**João Luiz Francisco da Silva:** Cheguei lá, o policial que colocou meu nome no sistema pra registrar a ocorrência disse pra mim que eu tinha um mandado de prisão em meu desfavor.

**Branca Vianna:** E aí ele foi preso de novo.

**João Luiz Francisco da Silva:** E ali eu permaneci até às 11 da noite, porque eu consegui um empréstimo de mil reais pra poder pagar um advogado pra me tirar daquela situação. O advogado teve que elaborar um habeas corpus, entrar com o habeas corpus no regime de urgência para que eu pudesse ser liberado. Porque senão, eu voltaria dentro de uma viatura de novo para o complexo de presídios de Bangu e nem sei quando sairia. Esse regime, nós saíamos às 6h e temos que voltar até às 22h. Logo depois, um tempo depois, eu entrei com esse pedido de liberdade condicional. Quando chegou na mão do Ministério Público pra que eles opinassem, eles me disseram que eu tinha um atraso na volta pra cadeia, o que configurava uma falta.

**Branca Vianna:** Uma falta causada por um atraso provocado pelo próprio sistema. O pedido pra passar pra liberdade condicional foi negado, e o João Luiz continuou no semi-aberto. Daí outro dia, voltando pro presídio... o ônibus em que ele tava foi

assaltado.

**João Luiz Francisco da Silva:** O motorista do ônibus me disse: “Olha, agora nós todos vamos pra delegacia”. Quando eu ouvi aquilo, eu falei: “Meu amigo, você vai.”

**Branca Vianna:** Eu, não.

**João Luiz Francisco da Silva:** “Eu não tenho a menor...” “Mas ele levou seu celular, levou o seu dinheiro.” Que faça bom proveito, que eu não vou na delegacia.

**Branca Vianna:** Depois dessa experiência, o João Luiz não quer nem saber de pisar numa delegacia de novo. Mesmo se for ele a vítima. Todos esses traumas fazem o João Luiz sentir que ele tá pagando mais do que devia pelo crime que ele cometeu. Agora é a sociedade que não tá quite com ele. A sociedade ficou devendo.

**Branca Vianna:** É, e aí acaba que nenhuma nenhuma punição é a punição justa, né? Todas as punições são...Você acha isso? Que a punição acaba sendo...

**João Luiz Francisco da Silva:** Desproporcional. Primeiro que ninguém, ninguém, ninguém sai incólume desse espaço de prisão, seja por um, dois dias, três meses, quatro anos, dez anos, vinte anos, ninguém sai incólume. Com alguma marca vai sair dali.

**Branca Vianna:** Pro João Luiz, quando uma pessoa é presa, a prisão nunca mais abandona essa pessoa. Quer dizer, se for assim, toda prisão acaba sendo uma prisão perpétua. Mesmo que simbólica.

**João Luiz Francisco da Silva:** Com muita terapia – eu, que tenho acesso a terapia, né – eu tenho diminuído as minhas crises de ansiedade. E eu não tinha antes da prisão. Eu tenho diminuído os meus pesadelos. A partir da terapia, de medicamentos que eu tive que fazer uso, alguns ansiolíticos, eu pude ter uma vida minimamente normal, né? E isso tudo produzido dentro desse ambiente prisional.

**Branca Vianna:** No Brasil não existe a pena de prisão perpétua. Mas as marcas da prisão vão acompanhar o João Luiz para o resto da vida dele.

A gente resistiu a trazer a história do João Luiz aqui, porque ela é a típica "história de superação": ele saiu da prisão e tá se formando em direito. Nem ele nega que tenha cometido o crime pelo qual foi preso.

Mas o que mais tem são casos de presos sem provas, prisões "provisórias" que

acabam se estendendo pra muito além do que prevê a lei, ou por burocracia ou por descaso.

E enfim, João Luiz acabou saindo traumatizado porque ele foi submetido a uma pena de reclusão – que é segregação da sociedade – pra que ele pudesse depois se reintegrar à sociedade. Só que na prática, acabou sendo pouco mais do que uma masmorra.

E se tivesse algum sistema mais compreensivo, mais voltado pra realmente reabilitar, com uma pegada mais pedagógica?

Então. No Estatuto da Criança e do Adolescente, esse sistema existe. Pelo menos no papel. Ali diz que a meta das medidas socioeducativas é a responsabilização, a reparação, e a integração social do adolescente. É tudo que a gente queria do sistema todo, né, incluindo os adultos.

**Mônica Cunha:** Eu cheguei lá, estou vendo meu filho bombadão, aquela cabeça raspada, sabe aquela coisa assim... um adolescente, mas que chocava quando via, entendeu? Então se chocava para mim, que era mãe dele, chocava com certeza quando ele saía na rua e qualquer pessoa fosse enxergá-lo. É a transformação daquela pessoa que quando passa na rua, você esconde a bolsa. Eu não estou falando "você" no você. Estou falando "você" no sentido, enfim-- Que você esconde a bolsa. Isso tudo é construído, sabe? Essa é a transformação, para ser mais objetivo, para você, do bandido preto. Sabe?

**Branca Vianna:** O adolescente em questão é o Rafael da Silva Cunha. E quem tá contando essa história é a mãe dele.

**Mônica Cunha:** Meu nome é Mônica Cunha, eu sou co-fundadora do Movimento Moleque, que já existe, né, há 18 anos.

**Branca Vianna:** Pra entender a história dos dois, a gente vai voltar alguns anos pra trás. A Mônica tava saindo de um divórcio.

**Mônica Cunha:** E vamos que vamos, vamos para a luta. A única diferença é que de dois, era três.

**Branca Vianna:** Ela teve que se virar com três meninos, de dois casamentos em que os pais foram ausentes.

**Mônica Cunha:** E tinha que... dar meu jeito. E aí eu, enfim, volto a trabalhar na rua... e... supermercado, várias coisas. Atendente. Enfim, e eles ficavam-- É isso, o mais velho mais uma vez olhando um,

olhando dois. Mas muito com a vizinha. Eu contava muito também com a vizinha também de frente, do lado, que me ajudou muito. Até mesmo por conta do Wylbert, que era o menor.

**Branca Vianna:** Wylbert é o filho mais novo da Mônica.

**Mônica Cunha:** Enfim, mas aí nessa época, né, eu comecei a ter já alguns problemas com o Rafael.

**Branca Vianna:** Rafael, o filho do meio.

**Mônica Cunha:** Rafael já tinha oito, né? É. Por aí. E... E é isso, como tinha agora o outro pequeno, o Marcos Vinícius não tinha tanto tempo para olhar mais o Rafael.

**Branca Vianna:** E Marcos Vinicius é o filho mais velho.

**Mônica Cunha:** Tipo, o Rafael descia do prédio para brincar, está me entendendo? Com outros meninos, e se relacionava com todo mundo. Então nós tínhamos uma comunidade que era de frente para a rua e o Rafael se dava bem mesmo. Ele ia lá, os meninos, enfim, ia cá. Tudo na rua. E aí o Rafael começou a ir para o mercado, né, tipo... Eles não furtavam, eles pegavam o biscoito e comiam, né? Como é que eu soube disso? Um domingo, tava de folga, fui no mercado fazer compras. Vou com ele, quando o segurança não deixa ele entrar. Eu quase... "Como não vai deixar meu filho entrar?" Tinha 10 anos. E aí o mer-- o cara do mercado veio falar isso para mim, que ele junto ia com outros meninos-- "Ah, ele é seu filho? Quer dizer que ele tem mãe?". Eu falei: "Óbvio, o senhor está louco?" "Ah, então a senhora não deixa ele se envolver com esses meninos não, porque ele vem aqui... Ele não pega nada, ele fica sempre na porta. Mas os outros pegam e ele come também". Eu digo: "Óbvio, né?" Aí, meu filho, dei uma surra nele louca, queimei a mão dele dizendo que não queria filho ladrão... Olha, foi... Né, a gente... Enfim. Por conta dessa criação, dessa cultura, dessa coisa enraizada dentro da gente, a gente toma às vezes atitudes, entendeu, que de fato não era para ser tomada. Não necessitava daquela atitude que eu tomei, entendeu? Obviamente eu poderia ter resolvido de uma outra forma, totalmente. Mas também não entro numa de culpa, não. Foi o que naquele tempo era possível fazer. Enfim, a vida seguiu, mas é isso, né, ele - ele sempre se deu com gregos e troianos, e não estou numa aqui de culpar o A ou B não, nada disso. Ele só era, de fato, diferente.

**Branca Vianna:** Pra tirar o Rafael daquele ambiente, a Mônica decidiu então mudar com a família pra outro bairro. Ela saía de manhã com o Rafael e com o Wylbert, deixava os dois na escola, e passava o dia fora, cozinhando prum restaurante.

Enquanto isso, o Marcos Vinícius, que era o mais velho, dava aula de Jiu Jitsu em escolas particulares.

**Mônica Cunha:** E eu estou trabalhando, tal e tal. Até que um belo dia, obviamente, né, me chega a notícia da DPCA, delegacia de proteção à criança e adolescente, que o meu filho havia sido detido. Claro que eu falei, "Cara - " Desliguei o telefone e falei: "Isso não me pertence". Mas quando a pessoa liga novamente e dá o nome dele e dá o meu nome todo, então só podia ser ele.

**Branca Vianna:** A Mônica saiu do trabalho e correu pra delegacia.

**Mônica Cunha:** Chegando lá espero um pouco e vejo aquela cena grotesca, que é ele chegando algemado. A única coisa que identificava que ele saiu de manhã era a bermuda jeans, porque blusa, a mochila, todo o resto não estava com ele. Ele estava com as costas toda marcada pela botina do policial que pisou nele, o rosto dele todo roxeado, porque ele ganhou muito na cara. Ele apanhou muito, né? E eu entrei em pânico, assim...

**Branca Vianna:** Nessa época, o Rafael tinha 15 anos.

**Mônica Cunha:** Aí o policial que chegou com ele me desacatou e disse para mim que quando a gente paria bandido a gente não se incomodava de parir aquela sementinha do mal, mas quando eles vinham para limpar a rua, para tirá-los da rua, aí aparecia família, ele tinha mãe, tinha pai. Eu disse a ele que quando eu pari, a única coisa que o médico falou para mim é que era do sexo masculino. Agora, eu lamentava muito que quando ele nasceu o médico falou que ele era sementinha do mal. Menina, ele ficou louco.

**Branca Vianna:** Foi só depois dessa confusão que Mônica pôde falar com o filho, e que explicaram pra ela o que tava acontecendo. O Rafael tinha ido parar ali por uma tentativa de roubo de carro. Foi a primeira vez. Mas ia acontecer mais duas vezes.

**Mônica Cunha:** E sempre carro, porque o meu filho sempre foi muito louco por carro, por veículo. Enfim, ele aprendeu a dirigir aos 13 anos. Eu ia trabalhar, o vizinho maravilhoso que já não está mais nessa terra, né, para não dizer o contrário... Tinha uma oficina e ensinava ele a dirigir. Olha que bença. E ele aprendeu maravilhosamente bem, entendeu? Então ele, quando entrou para essa vida, o forte dele: carro. Ele sempre foi muito desesperado por carro. Então tudo dele está ligado a carro. Sempre carros bons.

**Branca Vianna:** O Rafael não andava escondido com os carros que ele pegava.

Ele queria mostrar pra todo mundo que estava de carro, e que ele sabia dirigir.

**Mônica Cunha:** Botava as meninas, botava os meninos. Enfim, era uma festa. Não estou justificando e nem romantizando o que acontecia, entendeu?

**Branca Vianna:** No começo de 2001, o Rafael passou pela primeira medida sócio-educativa. Foram 45 dias de internação numa instituição para menores infratores na Ilha do Governador, e mais um bom tempo de semiliberdade na Penha.

**Mônica Cunha:** Aí começou a minha via crucis, entendeu? Eu achava que eu tinha vivido tudo. Não tinha vivido nada.

**Branca Vianna:** O Rafael passou quase um ano separado da mãe e dos irmãos. No auge da adolescência.

**Mônica Cunha:** Que a gente sabe, adolescente é o quê? É a passagem da criança para outra etapa da vida. Enfim, que aquilo tudo está, né, sendo desenvolvido. Não só pêlos. Entendimento, corpo, tudo. Ele estava passando por esse processo num lugar que, cara - que humanidade não existia, né? Que... é... você era tratado, enfim, como um nada. Então o meu filho cada vez ia se perdendo mais.

**Branca Vianna:** Quando a Mônica diz que o Rafael tava “se perdendo”, ela tá falando da tal transformação dele.

**Mônica Cunha:** Porque muitas das vezes ele foi - entendam bem o que estou falando - numa farra, numa pilha do colega. E quem nunca viveu isso? Sabe? Pelo amor de deus, né? Mas quando você chega lá dentro, o que você convive, com quem você convive - e não estou falando só dos outros meninos, né. Não. Estou falando das pessoas que deveriam de fato, que são os educadores, que são as pessoas que tem que delinear esse lugar, que tem que de fato fazer cumprir as medidas socioeducativas. É essa a fala. Que não fazem. Então, de uma coisa que os meninos, enfim... eles acabam se entendendo como bandido. Se entendendo que aquilo que cometeu é o que tem que cometer sempre. Porque de aonde você veio, é o que é permitido. Quem você é, é o que você tem que fazer para a vida. Sabe? Então, esse é a pior coisa. É pior do que o ato infracional em si.

**Branca Vianna:** Então o que você está dizendo é que é uma espécie de reabilitação ao contrário?

**Mônica Cunha:** Com certeza absoluta. Com certeza absoluta, Branca. E aí é isso, eu não estou contando uma história que já bastava só eu ver. Não, estou contando do que eu vivi. Do que foi na minha pele.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Como é que você foi vendo isso no... Rafael?

**Mônica Cunha:** Ah, com a transformação do meu filho. Ele foi mudando totalmente, sabe? E não só mudando fisicamente. E bombadão, aquela cabeça raspada, aquela coisa assim... um adolescente, mas que chocava quando via, entendeu? Isso não é nascido, isso é construído. Eu tenho certeza absoluta. Porque aí esse menino não tem que voltar a conviver na sociedade. E como a gente tem que fazer isso? Assim, dessa forma. Porque aí, o que acontecer – como foi com o seu Rafael da Silva Cunha, que esse era o nome do meu filho. O corpo dele está estirado no chão por um policial ter assassinado ele. E no momento em que assassinou – não foi porque ele estava cometendo ato nenhum, né, mas ele já era conhecido pelos policiais –, justifica, Flora. Não precisa explicação. Não precisa o clamor. Porque ele era o bandido, meu amor. Ele tinha envolvimento.

**Branca Vianna:** Em 2006, 5 anos depois da primeira entrada no sistema, o Rafael foi abordado por policiais civis e morto. Ele tava desarmado.

**Mônica Cunha:** Quando eles assassinaram meu filho eu... cara, se eu pudesse, botava uma arma, eu ia para a 25ª matar os policiais. Para de hipocrisia, porque é isso que a gente pensa mesmo. O ódio é muito grande. O ódio é muito grande. Até porque: "ah, ele era adolescente infrator". Sim. Era sim. Eu nunca neguei isso. Só que aonde está escrito que tem pena de morte no Brasil? Não tem pena de morte. Então ninguém pode sair matando. Ah, tá, infrator - pá. A gente vai fazer isso também com os políticos que roubam? Ah, roubou - pá. Matou. Como é que vai ser? Então não é por aí.

**Branca Vianna:** A gente tinha acabado de falar em prisão perpétua simbólica – que foi o caso do João Luiz, que ele conta que ele vai viver pra sempre com os traumas da prisão – mas a gente falou também das prisões não simbólicas, das prisões provisórias que vão se arrastando, né. E agora a Mônica falou dessa pena de morte fora-da-lei que é o que acontece na prática, ou o que aconteceu com o filho dela, pelo menos.

**Paula Scarpin:** E a Mônica fez um paralelo que a gente ouve muito – o do crime comum com o "crime do colarinho branco", de como são tratados de maneira diferente. De como colar em alguém o rótulo de "bandido" ou, no caso do Rafael, de "adolescente infrator", acaba servindo de justificativa pra matar.

**Flora Thomson-DeVeaux:** É, todo esse sistema socioeducativo tem

um vocabulário próprio, não é prisão, é apreensão, não é criminoso, é infrator e tal, mas na prática, não parece tão diferente. Tem um levantamento recente, de janeiro de 2021, que é do Ministério Público do Rio, que mostra pra gente um pouco a dimensão disso. Que eles olharam pras trajetórias dos jovens que passaram pelo sistema socioeducativo no Rio entre 2008 e 2020. E 12% desses jovens morreram depois dessas passagens.

**Branca Vianna:** Pera, então a taxa de mortalidade desse sistema é de 12%? A gente sabe do que essas pessoas morreram? Eles sabem do que essas pessoas morreram? Ou com que idade elas morreram?

**Flora Thomson-DeVeaux:** É, o estudo não diz, assim, quantos foram mortos pela polícia, quantos morreram de causas naturais e tal... mas o número é muito alto, enfim, se tratando de jovens. O número absoluto nesses 12 anos do estudo é 5.192 jovens, em média com 19 anos.

**Branca Vianna:** Nossa.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E, enfim, claro que não dá pra generalizar, mas a gente sabe o que esse carimbo de "jovem infrator" significa.

**Paula Scarpin:** Sim.

**Mônica Cunha:** A justiça, essa real, não vou conseguir. E como é que eu vou fazer? Vou dar um tiro na minha cabeça, vou me jogar lá não sei de aonde, de qual andar? Não, não posso. Primeiro que não posso porque tenho eu, minha vida, tenho mais dois filhos, tenho meus netos. Então eu tive que compreender e buscar outros tipos de justiça, para que eu possa continuar aqui e viver.

**Branca Vianna:** Em 2003, quando o Rafael ainda tava cumprindo medida socioeducativa, a Mônica fundou o Movimento Moleque.

**Mônica Cunha:** Ele foi fundado por mim, e por uma outra mulher negra, porque os nossos filhos estavam cumprindo medidas socioeducativas. Eram dois adolescentes na época. E aí nós vimos a necessidade de-- É isso, vou ser repetitiva: no sentido de dar voz não só aos nossos filhos, mas a todos os outros, sobre tudo que acontecia dentro daquele lugar, né? As torturas, os absurdos. E o não-cumprimento das medidas socioeducativas que deveriam ser - porque não é um favor, é obrigatório, é lei, é uma lei nacional. Mas que não é cumprida para adolescentes... é - que são negros, favelados, pobres. Esses adolescentes, eles não têm direito às medidas socioeducativas de fato, de verdade.

**Branca Vianna:** O João Luiz também se encontrou no ativismo, mas por uma razão um pouco diferente da da Mônica. A ONG que ele fundou tenta ajudar na reinserção de ex-detentos. E esse trabalho acabou ajudando na reinserção do próprio João Luiz.

**João Luiz Francisco da Silva:** Assim, por força da necessidade, eu tive que... me inserir dentro desse contexto de defesa e garantia de direitos e falar a partir da minha vivência no sistema prisional. E isso por uma necessidade mesmo, porque a gente está dentro de uma sociedade que, ao passo que ela tem uma fixação por enjaular, por encarcerar, ela não tem a mesma dedicação em oferecer oportunidades. Então eu vi que o meio de atuação do ativismo, na militância, no debate antiprisional, era um meio também de sobrevivência, de conseguir algum recurso para levar para minha casa e dar minimamente uma dignidade para minha família. E aí depois disso, depois que começo a mergulhar nesse campo imenso da garantia de direitos e defesa de direitos humanos, eu entro na faculdade, né? Que não é comum, também, para um ex-presidiário, estar dentro de uma universidade, concluindo uma graduação no direito.

**Branca Vianna:** Ouvindo o João Luiz falar sobre a faculdade de direito, de como ele agora tá tendo contato com a justiça penal de outro ponto de vista, eu me lembrei da Olivia que perdeu o irmão num assalto e que queria poder conversar com os assassinos. Eu fiquei com vontade de voltar no assunto com o João Luiz das vítimas do crime que ele cometeu. Porque além das instituições financeiras, tinha gente ali também, né - os donos dos cartões que ele roubou. E isso, claro, guardadas todas as proporções da diferença entre um assassinato e um crime de estelionato.

**João Luiz Francisco da Silva:** Eu não conheci. Eu não conheci, mas gostaria de ter conhecido.

**Branca Vianna:** Por que?

**João Luiz Francisco da Silva:** Porque eu acho que seria uma oportunidade da gente saber quem foi que a gente... qual foi o ofendido com a nossa prática. O que essa pessoa imagina, pensa de mim e o que ela vai pensar a partir do momento que me ver, que me conhecer, que ouvir de mim o porquê que eu fiz o que eu fiz, o que é que eu passei depois do que eu fiz? Então, eu não conheci, mas eu tinha essa curiosidade.

**Branca Vianna:** A gente fez essa mesma pergunta pra Mônica. Ela teria vontade de falar com os policiais que mataram o Rafael?

**Mônica Cunha:** Cara, eu acho que agora sim. Agora sim. Tá me entendendo? Não vai ser assim, acho que só tem um vivo. Porque eu tenho uma pergunta - estava indo tão bonitinho o negócio, não tinha chorado, então estava tudo bonitinho. É uma inquietude, Branca, de perguntar - porque essa criatura, ele foi gerado por uma outra mulher. Por mais que eu sei que o sistema - eu sei, hoje eu tenho consciência - principalmente dos policiais. O sistema... fazem dele - fazem deles - pessoas para matar. E os alvos deles somos nós. Principalmente o jovem negro. Isso eu já tenho um entendimento. Mas, cara... É isso, assim. Você o matar porque tu está numa troca de tiro - o policial, ele é preparado, ele é ensinado. Esses meninos são os abusados, eles não são ensinados. Tá bom, sai um do exército, que mora lá, ensina um. Mas mesmo assim, cara, eles não são. Mas não foi numa troca de tiro, foi você dar um tiro numa outra pessoa cara a cara. E aí eu sei que naquele momento, naquele momento o meu filho não representava perigo para eles. Naquele momento. Ele tava desarmado, cara. Como é que tu dá um tiro de fuzil? Então isso é uma coisa, para mim, que... Por isso que eu digo que hoje eu posso, antes eu não podia. Perguntar: “cara, como é que é isso?” Claro que ele não deve nem lembrar, se tiver vivo o outro ainda, que eu nem sei mais. Não deve nem lembrar, óbvio que não lembra. Mas é isso assim, sabe? Tu vê lá - eu tive que chegar no hospital para fechar o olho do meu filho. Meu filho morreu de olho aberto, sabe? É desesperador esse negócio, sabe? Como é que ele consegue fazer isso e como é que consegue continuar vivendo? É isso mesmo? Não dá uma dor na hora que tu deita a cabeça no travesseiro? Eu só me interesso pela estatística que eu mato por dia? É isso mesmo? É isso que é importante? É isso que vai estar na minha medalha, quantos corpos eu vou deixar no chão por dia? Porque eu tenho certeza absoluta que ele foi criado, ele foi gerado, ele foi amado. A mãe o amou, a mãe o desejou. Tenho certeza. Como é que faz isso? Como é que é isso? Entendeu?

**Branca Vianna:** A Mônica tem muitas perguntas pro policial que matou o filho dela. Assim como a Olivia tem perguntas pros assaltantes que mataram o irmão dela pra roubar um celular. Quem ouviu *Praia dos Ossos* até o final deve lembrar que a gente já tava com uma pulga atrás da orelha sobre a efetividade do processo penal. Desde então, a gente leu e ouviu muita gente que pensa a justiça. Uma delas foi a Fernanda.

**Fernanda Rosenblatt:** Então, meu nome é Fernanda Fonseca Rosenblatt, eu sou professora de processo penal da Universidade Católica de Pernambuco, e...

**Branca Vianna:** A gente foi atrás da Fernanda Rosenblatt porque os textos dela eram especialmente claros. Foi só na hora da entrevista que a gente descobriu que Fernanda tinha ouvido *Praia dos Ossos*...

**Fernanda Rosenblatt:** O grupo de pesquisa da gente trabalha - o marco teórico da gente é a criminologia crítica, e aí quando vocês lançaram *Praia dos Ossos*, a galera começou: "Gente, gente! Vocês tem que ouvir, vocês tem que ouvir, vocês tem que ouvir" e tal. E eu acho que isso vocês captaram também na narrativa da história de Ângela. Esse silenciamento da vítima, esse silenciamento do próprio agressor, no caso de Doca.

**Narração Branca:** *A gente falou sobre a estratégia do Evandro Lins e Silva, o advogado dele. E o Doca disse pra gente que ele "fez um milagre".*

**Branca Vianna:** *É, ele fez milagre... Porque ele acusou a Ângela né? Ele... ele, ele conseguiu virar...*

**Doca Street:** *Me machucou isso.*

**Branca Vianna:** *É?*

**Doca Street:** *Não gostei.*

**Branca Vianna:** *Mas você sabia que ia ser essa defesa, né?*

**Doca Street:** *Mas não assim.*

**Branca Vianna:** *Ah é?*

**Doca Street:** *Não assim.*

**Branca Vianna:** *Ele não tinha te contado que ia chamar ela de devassa...*

**Doca Street:** *Não tinha ideia.*

**Branca Vianna:** *Lasciva... mãe desnaturada...*

**Doca Street:** *Não.*

**Branca Vianna:** *Como é que é? "Vênus escarlata"... Você não sabia?*

**Doca Street:** *Nunca discutimos isso, não.*

**Narração Branca:** *No Mea Culpa, o Doca escreveu que a estratégia foi apresentada pra ele antes do julgamento. Que ele se incomodou,*

*mas o Evandro disse que ia ter que ser assim, e ele aceitou.*

**Branca Vianna:** *E se ele tivesse discutido?*

**Doca Street:** *Bom, quem quer ser preso? Provavelmente eu ia tentar... poxa... não merece isso.*

**Branca Vianna:** *A defesa dele foi...*

**Doca Street:** *Ela já tava morta, não podia mais se defender.*

**Fernanda Rosenblatt:** De quando Doca diz assim para vocês: "Eu me incomodei com a tese de defesa. "Me incomodei", mas ele não podia fazer nada, né? Que o conflito estava roubado pelo advogado dele. Ele não tinha opinião a dar, né? O conflito era do advogado e o advogado toma conta. A gente é treinado na faculdade de Direito a roubar o conflito das partes. Então "isso não importa", "não fale", "isso aqui não é interessante", e assim por diante.

**Branca Vianna:** Acho que o que a Fernanda quer dizer com "roubar o conflito" é que, depois que uma ofensa vira um processo criminal, os advogados, os juízes, os promotores, etc. têm mais espaço pra falar e pra deliberar sobre o caso que a vítima e o ofensor.

Durante a entrevista, ela explicou que tava usando o conceito de "Conflitos como propriedade", de um acadêmico norueguês chamado Nils Christie. Não se preocupa em anotar, que a gente vai colocar a referência lá no site da Novelo.

Pra resumir, o que o Nils Christie escreve é que o conflito é uma propriedade da vítima e do agressor. E, quando o sistema penal entra na história, ele "sequestra" o conflito pra si. A vítima e o agressor saem da equação.

**Fernanda Rosenblatt:** Os profissionais vão lá, tomam o conflito e aí fica um jogo entre juiz, promotor de justiça e advogado. E quem efetivamente é atingido pela aquele... conflito, está de fora. A gente precisa sair dessa abstração de "Estado é vítima", ou "a sociedade é a primeira vítima". Não. A vítima é a pessoa que apanhou, é a família dessa pessoa, é a comunidade impactada, é o filho, e assim por diante. No momento em que eu enxergo o crime dessa forma diferente, automaticamente eu tenho que mudar a forma como eu respondo ao crime. Doca fica 15 anos preso e está tudo resolvido. Sendo que nada está resolvido. A necessidade da vítima não é necessariamente a punição como quem não é vítima acha que é. Entende? E tem, tem aquela vítima que quer a punição, e não só a punição, quer a prisão. Certo? Mas não é a regra geral

necessariamente. Então essa presunção de que é a regra geral, de que nós somos evidentemente punitivistas, de que é isso que a gente busca quando a gente é vitimizado, é uma falácia.

**Branca Vianna:** É difícil imaginar alguém que passou pelo que a Mônica Cunha passou, que passou pelo que a Mausy Schomaker passou, e essa pessoa não quer que o assassino do filho seja preso. Preso, ou coisa pior. É o sentimento de vingança, sim, mas é também "o que tá no cardápio". É o que tem. Mas será que esse é o melhor jeito de fazer justiça?

**Valentina Homem:** E eu só me lembro de sair do prédio assim, atônita. Eu cheguei na praia, contei pra todo mundo o que tinha acontecido. A reação geral imediata foi uma reação de revolta, de... "a gente tem que fazer alguma coisa". Obviamente, a primeira coisa que vem à mente numa situação dessa é a polícia, né?

**Branca Vianna:** Essa é a Valentina Homem. E, ao contrário do que seria o senso comum, ela não recorreu à polícia.

**Valentina Homem:** Eu não achava, e não acho que a solução para aquele problema, para aquela situação que eu tinha vivido, era encarcerar uma pessoa por X anos. Que isso não ia mudar, não ia mudar o que tinha causado, a origem do problema assim.

**Branca Vianna:** Em vez disso, a Valentina tentou buscar justiça de outra forma. No próximo episódio de *Crime e Castigo*, a gente vai saber o que aconteceu com a Valentina, e se a tentativa dela deu certo.

**Branca Vianna:** *Crime e Castigo* é uma série original da Rádio Novelo realizada com recursos do Instituto Betty e Jacob Lafer e da Oak Foundation.

Pra ver conteúdo adicional, nosso site é [radionovelo.com.br/crimeecastigo](http://radionovelo.com.br/crimeecastigo).

A idealização, a pesquisa, e a apresentação são minhas, da Flora Thomson-DeVeaux e da Paula Scarpin.

O roteiro é da Ludmila Naves e do Lucas Calmon.

O André Emídio colaborou com a pesquisa.

A Juliana Jaeger é a gerente de estratégia, e a Marcelle Darrieux é a nossa gerente de produção. Guilherme Alpendre é o nosso diretor executivo.

A produção é da Mari Faria.

A checagem, da Marcella Ramos.

A edição é do Lucca Mendes.

A sonorização é da Júlia Matos e da Paula Scarpin, e a mixagem é da Pipoca Sound.

A música original é do Pedro Leal David.

A FêCris Vasconcellos cuidou da coordenação de estratégia, e as redes sociais e relacionamento são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff.

A identidade visual é da Elisa Pessoa e o design gráfico é do Mateus Coutinho.

O nosso site foi desenvolvido pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

A gente gravou no Estúdio Rastro e no Estúdio Carranca.

Nossos transcritores pra esse episódio foram Pedro Gutman, Julio Delmanto, e Nino Bloch.

Todos os episódios de *Crime e Castigo* já estão no ar.